

Uma publicação do projeto [Traduções Abolicionistas](#)

Texto original disponível em:

<<https://vozesdedentro.noblogs.org/post/2022/12/03/contra-a-violencia-policial/>>.

Publicação autorizada pelo coletivo Vozes de Dentro.

Adaptação para o português brasileiro por Amós Caldeira.

Data de publicação: 16 jan. 2023.

Contra a violência policial

Vozes de Dentro

Ao constatar a violência policial que pessoas sofrem de forma cotidiana, perguntamos: para que serve, afinal, a polícia? Talvez a melhor pergunta seja, a quem serve a polícia? Ou por que é que a polícia é violenta para com a população que, nos dizem, deveria proteger?

Historicamente, as forças de segurança foram criadas para garantir o monopólio da violência por parte do Estado. Sim! elas foram criadas; não são um dado natural. Lá pelo século XVII, não há tanto tempo assim. A polícia serviu para “apaziguar” as massas populares; para dissuadir os rebeldes; para instaurar uma ordem. E porque é que os rebeldes se rebelam?

É claro, entretanto ganharam outras funções e até nos fazem acreditar que são quem defende as mulheres da violência doméstica, mas lembramos(!) morreram 22 só este ano. Onde estava a polícia? A prioridade da polícia sempre foi e será a proteção da propriedade privada, que acaba a ser mais valiosa que a própria vida!

Também será pertinente perguntar, onde começa a violência?

A violência começa na preservação de uma paz que não nos serve. Não nos serve essa paz porque a violência está latente no índice

Vozes de Dentro

de desigualdade. Portugal é o quinto país mais desigual da Europa. A violência está na desigualdade de oportunidades e perpetua-se na divisão do trabalho. A violência existe na segregação dos espaços. Porque não há direito à cidade! Por que é que determinado tipo de corpos e vivências estão circunscritos a determinado tipo de espaços e funções? A violência existe na indiferença dos que testemunham, dos que sabem, dos que calam! A violência está na invisibilização, onde o sistema prisional incorpora o expoente máximo, erguendo altas paredes e negando às reclusas a sua humanidade quotidiana. A violência existe na sua forma mais brutal nos corpos periféricos, em corpos negros!

Não há qualquer razão que possa justificar o espancamento do nosso companheiro¹. Não há nada, mas nada(!) que ele possa ter feito, que justifique o exercício da violência sobre o seu corpo. Dizem que o Estado nos protege. Perguntamos mais uma vez, protege a quem? Serve a quem? No mesmo dia da sua agressão, é divulgada uma investigação que denuncia a presença da extrema-direita, de opiniões racistas e xenófobas dentro das forças policiais portuguesas². Quem nos vai

¹ Nota da Edição (NE): O presente texto foi preparado e lido em uma manifestação contra a tortura policial, realizada em Lisboa, no dia 03 de dezembro de 2022. Reproduzimos aqui um trecho da chamada para a manifestação:

“Um jovem negro brasileiro de 18 anos estava no dia 17 de novembro, às 09h30, no Martim Moniz. Esperava uma entrevista de emprego quando foi abordado por polícias não identificados, tendo sido brutalmente espancado e, sem qualquer motivo criminal, detido e levado para a esquadra de Moscavide. O jovem em seguida foi levado ao hospital e novamente encarcerado na esquadra.

Mais uma pessoa negra, cigana, migrante e/ou pobre agredida por polícias. Espancada e insultada como muitas nas ruas, nas esquadras, nas prisões do estado português.”

Para conferir o texto completo, basta acessar: <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=184505120824193&set=pcb.184505680824137>>.

² NE: Fruto de um trabalho do primeiro consórcio português de jornalismo de investigação, “os jornalistas debruçaram-se sobre mensagens racistas, xenófobas, misóginas e apelos diretos à violência em grupos de Facebook de polícias da PSP e militares da GNR”. Destacamos duas investigações no âmbito deste trabalho: ["Quando o ódio veste farda": os crimes de polícias e militares nas redes sociais](#) e

Contra a violência policial

defender da polícia?, perguntamos. Quem protegeu os seis jovens negros, residentes da Cova da Moura, das agressões e sequestro dos polícias da Esquadra de Alfragide em 2015? Quem defendeu Cláudia Simões em 2020, espancada e esmagada por não ter o passe³ da sua filha? Quem salvou Ihor Homenyuk do seu assassinato cometido pelo SEF⁴? Quem defendeu os imigrantes de Odemira da perseguição e tortura da GNR⁵ em 2021? Quem salvou Daniel Rodrigues, Danijoy Pontes, mortos em 2021, e Miguel Cesteiro em 2022? Os três mortos dentro da prisão! Nas mãos do Estado! Em cinco anos, 303 foi o número de mortes nas prisões portuguesas. A Polícia Judiciária só investigou seis! 6 de 303!

Foi em 2018 que o Comitê Europeu para a Prevenção da Tortura identificou as condições degradantes e a discriminação racial presente no sistema prisional português. Quais foram as medidas tomadas pelo Estado para resolver esta situação? E o que vai fazer agora o Estado, com a informação – agora formal, porque nós já sabíamos! – sobre a presença da extrema-direita na polícia?

Sabemos o que acontece nas ruas e nas prisões do Estado! Estamos juntas com as pessoas agredidas! Não vamos esquecer, nem perdoar!

[Polícias sem lei: o ódio de 591 agentes de autoridade.](#) Publicados respectivamente por SIC Notícias e Setenta e Quatro.

³ NE: Passe, cartão mensal de transporte público.

⁴ NE: SEF, Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.

⁵ NE: GNR, Guarda Nacional Republicana. Força de segurança portuguesa de caráter militar. Executa funções de policiamento ostensivo principalmente fora dos grandes centros urbanos. A GNR concentra algumas funções que no Brasil são executadas pela Polícia Militar, Polícia Federal e Polícia Rodoviária Federal. A prerrogativa de atuação nos grandes centros urbanos é da PSP, Polícia de Segurança Pública.